

COLONIALISMO DIGITAL E CRÍTICA SOCIAL DA TECNOLOGIA: UMA RESENHA DO LIVRO “COLONIALISMO DIGITAL: POR UMA CRÍTICA HACKER-FANONIANA” DE DEIVISON FAUSTINO E WALTER LIPPOLD

Vanderli Oliveira da Mata¹

Nas ciências sociais, poucos temas recentes foram tão rapidamente capturados por um vocabulário de novidade quanto o universo das tecnologias digitais. Plataforma, algoritmo, inteligência artificial, automação e dados costumam aparecer como se nomeassem um mundo inteiramente novo, quase sempre descrito em termos de ruptura. É justamente contra essa precipitação analítica que *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana* intervém. O livro de Deivison Faustino e Walter Lippold sustenta que o digital não constitui uma esfera autônoma, desligada da história do capitalismo, do colonialismo e do racismo. Ao contrário, ele reordena essas mediações em condições econômicas, técnicas e políticas específicas do presente (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023). É nessa recusa do fetichismo da novidade que reside, desde o início, uma de suas principais qualidades.

O livro se organiza em torno de um problema central: como interpretar a expansão contemporânea das tecnologias de informações sem separar os campos da técnica, da dominação e da luta social. Em vez de tratar plataformas e dados apenas como objetos de consumo, de comunicação ou de certa forma de conveniência cotidiana, os autores os reinscrevem no terreno da crítica da economia política e da tradição anticolonial. Com isso, recusam tanto o entusiasmo tecnófilo quanto a crítica genérica que apenas deplora “excessos” das redes. A força do argumento está em mostrar que o digital não substitui formas anteriores de exploração, mas cria novas mediações para sua continuidade. A mudança, portanto, não é pequena, mas tampouco autoriza a ideia de que teríamos deixado para trás os velhos problemas da acumulação, da dependência e da hierarquização social (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023).

A contribuição mais importante da obra, contudo, aparece quando ela recentraliza o racismo no debate sobre tecnologia. Parte relevante da literatura crítica sobre o digital avançou muito ao analisar a extração de dados, a vigilância e o poder das plataformas. Ainda assim, nem sempre levou suficientemente a sério o lugar constitutivo da racialização

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.

nesses processos. Faustino e Lippold enfrentam esse limite diretamente. O problema, para eles, não é apenas que sistemas digitais possam reproduzir discriminações já existentes, mas que sua própria inserção social seja inseparável de uma história longa de classificação, expropriação e administração desigual da vida. Essa inflexão muda o nível da discussão: a crítica deixa de ser apenas moral ou técnica e passa a ser histórico-estrutural (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023; CASSINO; SOUZA; SILVEIRA, 2021).

É precisamente aqui que o livro estabelece sua diferença em relação à literatura sobre colonialismo de dados. Obras como a coletânea organizada por Cassino, Souza e Silveira foram decisivas para consolidar a compreensão de que a extração informacional constitui uma trincheira central da guerra neoliberal contemporânea (CASSINO; SOUZA; SILVEIRA, 2021). *Colonialismo digital* dialoga com esse campo, mas não se limita a ele. Sua novidade está em afirmar que a crítica do extrativismo informacional segue incompleta enquanto o racismo ocupar posição secundária ou derivada. Em vez de acrescentar o tema racial como complemento, os autores o tratam como mediação constitutiva do problema. O ganho analítico dessa escolha é claro: ela impede que a discussão se reduza ao registro do “viés” computacional e força o leitor a pensar infraestrutura, trabalho, circulação tecnológica e distribuição desigual de danos a partir de uma história mais profunda da dominação.

A mediação fanoniana, anunciada já no título, é decisiva para esse movimento. Fanon não aparece no livro como referência simbólica, mas no sentido de ser um operador de leitura. Essa escolha aproxima o debate sobre tecnologia de uma tradição que pensa em conjunto o colonialismo, a violência, a subjetividade e a ordem social. Lido em diálogo com *Frantz Fanon e as encruzilhadas*, de Deivison Faustino, o livro ganha ainda mais nitidez: a crítica fanoniana não fornece apenas uma denúncia moral do racismo, mas uma chave para compreender como colonialismo e capitalismo se constituem mutuamente e produzem efeitos objetivos e subjetivos duradouros (FAUSTINO, 2022). Essa interlocução fortalece o livro porque o afasta de leituras liberais da técnica, mas também torna sua posição mais exigente: trata-se de uma intervenção crítica situada, não de um texto panorâmico e neutro sobre inovação.

Outro aspecto forte da obra é a insistência na materialidade do digital. Em um debate frequentemente dominado por metáforas de nuvem, fluidez e desmaterialização, Faustino e Lippold lembram que a economia informacional depende também de cadeias produtivas concretas, mineração, energia, infraestrutura e trabalho humano intensivo. Ao recolocar esses elementos em primeiro plano, o livro evita que a crítica da tecnologia se resuma unicamente a uma sociologia das interfaces. O digital aparece, então, menos como abstração e

mais como condensação de relações materiais e geopolíticas. Essa passagem é particularmente convincente porque mostra que a expansão tecnológica continua assentada em territórios de extração, em dependências globais e em formas bastante desiguais de apropriação da riqueza social (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023).

Esse ponto se beneficia de uma aproximação produtiva com *O mundo do avesso*, de Letícia Cesarino. Embora partam de enquadramentos diferentes, ambos os livros recusam o determinismo tecnológico. Cesarino insiste que as tecnologias digitais não devem ser tratadas como causas autônomas dos fenômenos sociais, mas como mediações que favorecem certas tendências e reorganizam outras (CESARINO, 2022). Essa formulação ajuda a iluminar uma das virtudes de *Colonialismo digital*: o livro não atribui ao digital poderes demiúrgicos, mas mostra como ele intensifica e redistribui tendências já inscritas na sociedade. Ao historicizar a técnica em vez de sacralizá-la, a obra produz uma crítica social mais robusta do que aquela que apenas celebra inovação ou condena aplicativos específicos.

A análise da ideologia tecnoutópica também merece destaque. O livro mostra com acuidade que grande parte do discurso contemporâneo sobre inovação se legitima por promessas de conexão, democratização e liberdade, ao mesmo tempo que reforça concentração econômica, dependência técnica e assimetrias geopolíticas. Esse argumento é forte porque não se contenta em denunciar contradições morais, ele procura compreender a forma ideológica pela qual interesses localizados se apresentam como se fossem universais. Em outras palavras, a obra não critica apenas empresas ou produtos, mas o imaginário que naturaliza sua expansão. Nisso, seu alcance vai além da crítica conjuntural e se aproxima de uma reflexão mais ampla sobre hegemonia tecnológica no capitalismo contemporâneo (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023).

Ainda assim, a resenha precisa registrar limites reais da obra. O primeiro deles decorre de sua própria ambição. Ao articular economia política, imperialismo, colonialismo, racismo, psicopolítica, necropolítica, infraestrutura, ideologia e luta anticapitalista, o livro ganha amplitude, mas às vezes perde diferenciação fina entre problemas que poderiam receber tratamento mais autônomo. Há passagens em que a força do arco teórico supera o grau de desenvolvimento empírico de alguns pontos. O leitor termina a obra com uma tese forte, o que é uma virtude, mas pode desejar maior desaceleração conceitual ou maior exploração de casos específicos. Essa observação não diminui o livro, apenas delimita sua forma de intervenção.

O segundo limite está na seção final, dedicada à descolonização da tecnologia. Politicamente, ela é uma parte

importante do livro, porque impede que a crítica permaneça apenas no plano do diagnóstico e recoloca em cena temas como soberania digital, reapropriação técnica e organização coletiva. Analiticamente, porém, ela é menos densa do que o núcleo crítico do volume. O livro demonstra com vigor por que certas leituras do digital são insuficientes, mas detalha menos as mediações institucionais, organizativas e estratégicas de seu horizonte alternativo. Em termos de juízo crítico, esse talvez seja seu principal desequilíbrio: a força do diagnóstico é mais acabada do que a elaboração da proposta.

Há ainda um terceiro aspecto que convém assinalar. Em vários momentos, a linguagem do livro aposta em expressões de grande condensação política e alta intensidade crítica. Esse recurso dá energia ao texto e o diferencia da escrita neutra das análises descritivas, mas pode produzir, aqui e ali, alguma compressão argumentativa. Isso ajuda a compreender melhor a natureza da obra: trata-se de um livro de intervenção, não de uma síntese equilibrada para todos os públicos. Sua força depende desse posicionamento. A consequência é ambivalente: o volume ganha nitidez e contundência, mas por vezes deixa em segundo plano uma elaboração mais pausada de certas distinções conceituais.

Mesmo com esses limites, *Colonialismo digital* é uma obra relevante. Seu principal mérito não está em oferecer uma fórmula conclusiva para todos os debates sobre tecnologia, mas em deslocar o centro da discussão. Depois dele, torna-se mais difícil sustentar leituras do digital que tratem o racismo como apêndice, o colonialismo como simples metáfora e a inovação como categoria autoevidente. O livro obriga a repensar a técnica a partir da história da dominação que a sustenta. É justamente por isso que sua contribuição ultrapassa a conjuntura: ao recolocar tecnologia, capitalismo e racialização no mesmo quadro analítico, ele eleva o patamar das perguntas que a crítica social precisa formular no presente.

Referências

CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs.). *Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu, 2022.

FAUSTINO, Deivison. *Frantz Fanon e as encruzilhadas: teoria, política e subjetividade, um guia para compreender Fanon*. São Paulo: Ubu, 2022.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023.